

A CRISE NO DIA A DIA

COMO A DESVALORIZAÇÃO DO REAL AFETA O SEU BOLSO

Queda no poder de compra é o principal efeito da moeda fraca

✎ **BEATRIZ SEIXAS**
bseixas@redgazeta.com.br
✎ **MIKAELLA CAMPOS**
mikaella.campos@redgazeta.com.br

Erros na condução da política econômica do país, especialmente nos últimos três anos, fizeram com que um dos símbolos da pujança vivida em 2010 – o real forte – se enfraquecesse e trouxesse reflexos perversos para a economia e para a população.

A recessão, o desemprego, a inflação e o desequilí-

brio das contas públicas são alguns dos pontos que têm colocado o real em xeque. A cotação do dólar no Brasil é a prova de como a moeda nacional se enfraqueceu.

Enquanto em outubro de 2010 com R\$ 1,65 era possível comprar 1 dólar, atualmente é preciso desembolsar R\$ 3,53, valor 112% maior, mas ainda assim inferior aos R\$ 4,16 registrado em janeiro deste ano.

A GAZETA ouviu especialistas

que explicaram como a moeda desvalorizada afeta o dia a dia da sociedade e traz prejuízos para o desenvolvimento.

Com o real fraco, é preciso de uma quantidade maior de moeda para comprar o mesmo que antes era adquirido por uma quantia menor. “O poder de compra da família brasileira caiu bastante”, constata Simão Silber, professor da Faculdade de Economia e Administração (FEA) da USP.

Fazer viagens internacionais, comprar bens estrangeiros, consumir produtos que tenham insumos im-

portados, como pão e massas, tudo isso ficou mais caro.

Outra consequência é o desestímulo aos investimentos, uma vez que a moeda instável afasta o investidor estrangeiro, que perde a referência de qual a taxa de retorno de fato terá no médio e longo prazos. “Com as incertezas na política e o déficit fiscal, houve uma saída de recursos do Brasil, o que pressionou o câmbio e vimos o dólar acima dos quatro reais.

Soma-se a isso a desindustrialização. Como muitos dos equipamentos e matérias-primas utilizados pela indústria nacional são importados, o aumento dos custos de produção é inevitável, prejudicando ainda mais um setor que já sofre com o recuo da demanda.

O professor dos MBAs da FGV Roberto Kanter destaca que o elevado nível de intervenção do governo federal também pesou para o enfraquecimento da moeda.

“

Não resta dúvida que o real se desvalorizou. A situação econômica e política levou a uma alteração no câmbio principalmente pelo elemento insegurança”

— **ROBERTO KANTER**, PROFESSOR DOS MBAs da FGV

“

A credibilidade de uma moeda não está só baseada na taxa de câmbio, mas também na capacidade de sustenção que tem, como com o equilíbrio fiscal”

— **ANTÔNIO MARCUS MACHADO**, ECONOMISTA



EFEITOS DA DESVALORIZAÇÃO

Os impactos da moeda enfraquecida



Perda do poder de compra
Moeda com menos poder de compra significa renda menor para a população e preços em tendência de alta, o que consequentemente faz com que a demanda por bens de consumo retraia



Preços sobem
A moeda fraca faz com que o preço dos importados aumente. Os preços internos também são afetados, já que muitas indústrias utilizam insumos importados. Além disso, nossos produtos ficam mais baratos para o mercado externo, o que faz reduzir a oferta local e pressionar os preços



Desestímulo aos investimentos
A moeda instável afasta o investidor estrangeiro, que perde a referência de qual a taxa de retorno de fato terá no médio e longo prazos



Desindustrialização
A desvalorização do real faz com que os custos de produção aumentem, e com os preços mais elevados, a demanda do consumidor reduz, afetando a produção e gerando desemprego

1,5559

01.07.2011

4,1575

21/01
2016

3,5340

13/05
2016

1994 foi o ano do lançamento do Plano Real

124% foi quanto o dólar se valorizou frente ao real de julho de 2011 a 13 de maio deste ano

O que é preciso fazer para fortalecer o real



Resgatar a credibilidade e a confiança



Controlar a inflação



Estabilizar a política



Equilibrar as contas públicas



Reduzir o intervencionismo governamental



Estabelecer segurança jurídica

“

O poder de compra das famílias caiu muito com a moeda desvalorizada. Mesmo com a retomada da economia, não vamos ver o câmbio a R\$ 3”

— SIMÃO SILBER, PROFESSOR DA FEA/USP

“

Se forem feitas as medidas sinalizadas pela equipe de Temer, o dólar deve ficar entre R\$ 3,30 e R\$ 3,70, o que acomodaria importadores e exportadores”

— PAULO HENRIQUE CORRÊA, ECONOMISTA E DIRETOR DA VALOR INVESTIMENTOS



“Desafio é recuperar a credibilidade do país”

Temer deverá resgatar as condições ideais para o país voltar a ter uma economia equilibrada

Para o real voltar a se fortalecer, o principal desafio, na visão do economista e professor universitário Antônio Marcus Machado, é recuperar a credibilidade. Ele avalia que essa credibilidade não está baseada somente na taxa cambial, mas nos pilares que a moeda tem.

“A sustentação se dá pelo equilíbrio fiscal, pela boa participação no mercado global, pela estabilidade política e pelo controle da inflação”. O economista defende que o novo governo, sob o comando de Michel Temer, deverá agir rapidamente para resgatar a confiança e as condições do país voltar a ter uma economia equilibrada.



EDSON CHAGAS

Manoel não vê com otimismo a situação econômica

Quem também espera que o cenário passe por mudanças o quanto antes é o vendedor de coco Manoel Messias da Silva, 39 anos. Ele é um dos trabalhadores que fazem parte dos mais de 11 milhões de desempregados no país. Depois de vir da Bahia para trabalhar e atuar

de carteira assinada como operador refratário em uma prestadora de serviço de uma grande indústria, Manoel foi demitido, com um ano e três meses de serviço, no final de 2015.

Com o dinheiro da rescisão, cerca de R\$ 5 mil, ele investiu em um carrinho para

vender água de coco. Mas o negócio, que no início garantia seu sustento, agora não é capaz de assegurar a renda para pagar as contas do dia a dia. “Até me arrependo de ter gastado o dinheiro da rescisão. Porque água de coco é supérfluo e as pessoas estão deixando de comprar na crise”. O vendedor espera conseguir um emprego novamente, mas confessa que a situação está tão difícil que topa “qualquer trabalho que aparecer”.

Apesar de estar em busca de se reinserir no mercado, o baiano não acredita que a situação da economia vá melhorar tão rapidamente. “Porque o que a gente estava vendo era uma briga pelo poder, e não uma vontade de mudar a situação. Mas espero que tragam de volta os empregos”.